

EDUCAÇÃO ÉTICA NA SOCIEDADE DE CONSUMO E A PROTEÇÃO DA SINGULARIDADE DA PESSOA HUMANA

Suzane Pimentel Nogueira¹

Edna Raquel Hogemann

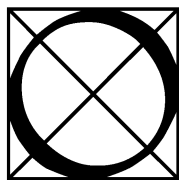
São tão fortes as coisas, mas eu não sou as coisas e me revolto.
Drummond, *Nosso tempo*

Resumo: Analisa a problemática das relações intersubjetivas no seio da sociedade de consumo e seus efeitos na singularidade do ser, como núcleo central na individualidade da personalidade humana, numa perspectiva baumaniana de modernidade líquida, apontando para a importância da educação ética e permanente como alternativa. As autoras, a partir da aplicação de uma metodologia crítico analítica, tendo como referencial teórico os postulados sociológicos de Zygmund Bauman buscam explicar o processo que leva transformação de pessoas em mercadorias pelo chamado fetichismo da subjetividade, fenômeno pelo qual ninguém antes se mercadoria pode se tornar sujeito, bem como defendem a importância de uma educação ética e permanente que seja capaz de promover a capacidade de escolher, comprometida com um conteúdo moral e como solução possível à proteção dos malefícios causados pela demanda desenfreada de consumo e pela velocidade de informações que em casos não muito raros, suprime a identidade de crianças, jovens e adultos. Uma educação que acompanhe e alcance a demanda dessa sociedade - líquida e fluída, que vá além, para salvaguardar as condições que tornam as escolhas

¹ Mestranda do Programa de pós-Graduação Stricto Sensu, em Direito, da Universidade Estácio de Sá – UNESA/RJ.

possíveis, criando um senso de responsabilidade, estimulando o desenvolvimento moral em detrimento do desenvolvimento material, tornando os hábitos voltados a prática do bem e da humanização da sociedade para a negar a coisificação do ser humano.

1. INTRODUÇÃO



presente ensaio procura compreender as características de uma nova sociedade de consumo cuja base fundamental é o incentivo ao ideal de desenvolvimento tendo como foco principal o crescimento econômico que finda por transformar pessoas em coisas. Uma sociedade em que ter é mais importante que ser, como bem o revela Fromm, ao afirmar que “ quero tudo para mim; que me dá prazer possuir e não partilhar; que devo tornar-me ávido, porque, se o meu objetivo é ter, eu sou tanto mais quanto mais tiver; que devo sentir todos os outros como meus adversários: os meus clientes a quem devo iludir, os meus concorrentes a quem devo destruir, os meus trabalhadores que pretendo explorar.

Trabalha-se com a ideia justamente no campo do reconhecimento da singularidade inerente a cada personalidade humana e com a ideia da identidade, que, segundo Bauman (2007) nos tempos líquidos modernos se forma a partir da luta para abraçar as coisas, sem as quais não se pode estar e nem ser visto, esta necessidade portanto dilacera a individualidade. Enfrenta-se uma dupla escolha simultaneamente contraditória e paralela, a saber: promover a emancipação individual ou, igualmente, a participação numa coletividade que ignora a idiosincrasia individual.

A partir destes pressupostos, serão lançados novos olhares, com o intuito, não de esgotar a temática, mas de proporcionar reflexões acerca da educação oferecida no Brasil e da de-

fesa de um aprendizado ético inovador, com traços peculiares e fundamentados na moral, justamente com função da formação de pessoas capazes de entender as consequências de suas escolhas, através do conhecimento e da conscientização por ele trazida.

2. SOCIEDADE DE CONSUMO NA MODERNIDADE LÍQUIDA E A INDIVIDUALIDADE HUMANA.

O Século XX atravessado pelas duas grandes guerras mundiais, ao mesmo tempo em que fez com que o homem experimentasse a tortura, a destruição e o genocídio, possibilitou, com a união da ciência à técnica, que essa mesma humanidade assistisse os significativos avanços tecnológicos, que ao mesmo tempo permitem o maior cuidado com a preservação da vida – por exemplo, com o desenvolvimento da técnica de transplante de tecidos e órgãos, mas colocam sob o risco de extinção a vida na terra – como é o caso da bomba atômica.

Assim, neste Século que recém terminou a ciência e a tecnologia se desenvolveram, mas também tiveram sua utilização desvirtuada e se tornaram formas de dominação do homem sobre outros homens e sobre a natureza, na medida em que na busca incessante pelo progresso, o ser humano se afastou da concretude da sua existência relacional com seus iguais e com os demais seres do planeta, se fechando em torno às pretensões mais mesquinhas, encerrado em seu eu, sem perceber que agindo dessa forma estava negando sua própria condição de sujeito.

O avanço tecnológico, a rapidez com que os produtos, a moda, informações são lançados no mercado consumidor e alcançam as pessoas que formam o mercado de consumidores, que ainda que se sintam como diferentes, findam por ser atingidas de igual maneira por essa massa de pretensas inovações trazidas a cada instante pelo mercado de consumo. Esse pro-

cesso tem como consequência para as pessoas, que a despeito da necessidade de se individualizarem, em verdade são envolvidos num esquema de “pasteurização” mental, política e social, dissolvidos, conformando uma grande massa sem forma e sem graça. E a grande contradição inerente ao processo se revela na medida em que os indivíduos projetam a necessidade de tornar-se visíveis e de se tornar uma pessoa notável e notada, que se destaca e ganha importância a partir do que veste, do que consome e do grau de exposição a que consegue se elevar, quando em verdade se torna um mero meio de reprodução do consumo. O consumidor é consumido.

Os ordenamentos jurídicos conferem a esse indivíduo o status de pessoa. No entanto, o uso do termo pessoa, nem sempre esclarece a real dimensão de seu significado. Para que seja possível alcançar sua exata extensão, é necessário refletir cuidadosamente sobre o que significa ser pessoa. Ser pessoa significa muito mais que a condição de poder ser titular de direitos e obrigações na ordem civil. Reportar-se à pessoa enquanto indivíduo significa dizer que faz parte de uma espécie e tem uma natureza comum.

Falar de pessoa é conferir um destaque para a dignidade humana. E, nesse sentido, necessário se faz remontar aos primeiros séculos da era Cristã seguindo a significação dada por Boécio de Roma, para quem “pessoa é a substância individual de natureza racional” (BOÉCIO:165). Essa definição é o que torna possível falar-se em pessoa humana a partir da distinção entre pessoa humana e pessoa divina, uma vez que na filosofia e na teologia é costume referir-se ao ministério comum da trindade, realizada em três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo).

Ao concentrar-se a atenção num outro aspecto da noção de pessoa depara-se com um sentido mais profundo de pessoa humana, que pode ser entendido como a tomada de consciência de si mesmo e isto significa, no entender de Francesco Alfiere que ter consciência de si possibilita viver plenamente a liber-

dade. Observa este autor que a liberdade tem sempre o outro diante de si como valor, se é livre apenas quando se utiliza a própria bagagem, ou seja, todos os aspectos inerentes ao nosso ser a nossa personalidade. (ALFIERE:2014).

3. O CONSUMISMO E O FETICHE DA SUBJETIVIDADE

O consumismo conforme afirma Zygmunt Bauman (2008: 40) é um ajuste social que resulta da renovação de vontades, desejos e anseios humanos mais corriqueiros e permanentes, ou seja, são desejos e não necessidades e portanto passíveis de mudanças breves e repentinas, em o que se almeja como elemento de querer, transformando-se na principal força propulsora e operativa da sociedade, além de concorrer para a formação de indivíduos humanos e nos processos de auto identificação pessoal, retirando-lhes parte da personalidade, que está em constante construção - visto ser o homem um ser, é a realidade de seus atos que o constrói, portanto o homem exposto a essa massificação a essa força propulsora para o consumo perde sua individualidade enquanto pessoa e todos tornam-se comuns sofrendo a perda da própria identidade.

Ser um indivíduo no grupo, significa ser igual a todos no grupo, na verdade idêntico aos demais. Prosseguindo Bauman afirma que:

Numa sociedade de indivíduos, cada um deve ser um indivíduo. A esse respeito, pelo menos, os membros dessa sociedade são tudo menos indivíduos diferentes ou únicos. São, pelo contrário, estritamente *semelhantes* a todos os outros pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns - comumente reconhecíveis e legíveis para convencerem os outros do que estão fazendo. Na questão da individualidade, não há escolha individual, nem dilema do tipo “ser ou não ser”.

O consumismo para além de uma atividade é atributo da sociedade que cria parâmetros específicos para os objetivos individuais de vida que eficazmente manipulam probabilidades

de escolhas e condutas individuais. E se por um lado essa capacidade de “querer”, “desejar” e “ansiar” torna-se a realização momentânea e efêmera da pessoa e de toda uma sociedade, por outro torna a personalidade de cada um em uma personalidade sem rosto próprio e que tem como principal objetivo a aquisição de bens materiais, por um curto período de tempo, visto que nesse consumismo desenfreado, o que importa é acompanhar a moda e o que está em alta. Assim, como já afirmado a sociedade transforma o indivíduo em um ser do consumo. A individualidade assim concebida, tem como condição a posse de objetos, por isso é tão efêmera quanto o ato de consumir e a satisfação do desejo realizado pelo consumo.

Segundo Bauman, se por um lado a modernidade impeliu a questão existencial a partir do sujeito para o sujeito, a pós modernidade acrescentou a paranóia, esse estado de espírito coletivo da sociedade de mercadoria, no qual a identidade passa a ter um único propósito: ser vendável. Esse grande movimento pelo qual os indivíduos são levados por um grande entusiasmo de consumo para assumir ou se colocar em uma posição de respeitabilidade, essa devoção produzida por um ter em detrimento do próprio ser, para o autor não tem nenhuma origem na consciência particular. Ele chega a cada um de forma heteronoma e arrebatada um sem número de pessoas contra suas vontades, se entregando ao consumo sem reserva. Sendo assim, elas não apenas consomem, mas também se remodelam a fim de obterem notoriedade. Nesse contexto a subjetividade, é possível afirmar que está altamente associada à transformação de pessoas em mercadoria, fenômeno denominado como “Fetichismo da Subjetividade”, a saber: “ na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável” (BAUMAN, 2008, p.20).

As pessoas vivem o fetiche da subjetividade, um estado de ilusão, onde cada um incorpora um produto vendável como sua verdade, e assim vive até o momento de se autorreciclar (explique isso). Com efeito, pessoas creem realmente ter seus desejos contemplados e saciados como nunca, quando na verdade são os próprios desejos que estão emoldurados pela mercadoria.

Mas esses sujeitos não creem que a satisfação de outras necessidades estão atrofiadas, quais sejam: as necessidades afetivas da harmonia, da autonomia, de criatividade, de convivência social e reconhecimento (dissociados das necessidades do capital e da produção), de sensualidade, de prazer estético e muitas outras que implicam um desenvolvimento multifacetado do indivíduo e o estabelecimento de relações sociais novas e enriquecedoras (SEVERIANO:1992).

A sociedade moderna, muito embora se revele indispensável na constituição e realização da personalidade humana, também lhe introduz limitações, inibições, modelos, modas e mitos, muitas vezes num óbvio processo de reificação humana² (WEBER:1996, p.165). É que essa mentira criada pela necessidade de consumo, essa promessa de felicidade líquida ou bem-estar a partir de ter ou tornar-se um objeto desejado ou desejável, transforma pessoas em mercadorias e vai contra os direitos da personalidade humana, uma vez que transforma pessoas em coisas.

Ademais ao seguir os modelos prontos o homem perde suas referências, sua capacidade de formulações de conceitos e

² A riqueza das sociedades capitalistas em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadoria” e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa portanto, com a análise da mercadoria.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção.

verdades e sua própria subjetividade, tornando-se um mero robô, abrindo mão muitas vezes, sem perceber, de seu conteúdo mais essencial, que é a capacidade de pensar e de questionar a realidade a sua volta. O fato é que se está objetivamente acomodado a esta maneira de ser, na qual tudo é apreendido de modo muito rápido para esquecer mais rápido ainda, em que não há tempo para se deter em pensar no curso do caminho ou mesmo nos porquês das coisas nem dos comportamentos. E esse embotamento na capacidade de pensar retira do homem sua condição de existência, que para Descartes, advém de sua própria razão e consciência. O atributo principal da razão é o ato de pensar. Em sua célebre formulação “penso logo existo”, a verdadeira felicidade, o bem supremo, consiste, principalmente, na conquista da verdade, o que pressupõe, existencialmente, a escolha de determinadas condições que possibilitem que esse fim seja alcançado (DESCARTES:23).

Nota-se a grande importância do consumo na caracterização da “modernidade líquida”³ (BAUMAN:2007. P.3). É por meio dela que os indivíduos são construídos e transformados constantemente, tornando as identidades individuais passageiras e isto fere a singularidade da pessoa humana, que para Edith Stein é concebida como o fundamento último no qual se entrelaçam as raízes do nosso ser. Em suas análises essa filósofa identifica a singularidade como a característica central do que denomina o núcleo da personalidade. Alcançar esse núcleo significa reconhecer a própria identidade, o que possibilitaria ao indivíduo um eterno recomeçar a partir do que verdadeiramente se é e esse movimento preserva o modo particular de ser (ALFIERE:15), impossibilitando que seja condicionado pelo ambiente que vive e que venha a ser atrelado as escolhas dos

³ É uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agi. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquida moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo.

outros, obstando a possibilidade de sofrer, inteiramente, manipulações externas. Nessa sociedade moderna de consumo as personalidades vão sendo formadas à partir de aparentes “livres escolhas”, que em verdade podem ser uma ficção, à medida que são o produto de uma pressão esmagadora externa do mercado de consumo.

Entende-se que a pessoa humana tem possibilidade de crescer quando reconhece e trabalha seu verdadeiro potencial e toma consciência de si mesmo. Para Francesco Alfiere nem sempre construções conceituais correspondem a uma realidade de vida (ALFIERE:19). E neste cenário de absoluta falta de entendimento ou do entendimento equívoco de como as coisas acontecem e como os interesses são manipulados, é que as pessoas sentem-se solitárias e sem perspectivas. Assim, na ignorância, é fácil estar perdido e sem esperança, justamente, pela incapacidade de compreender aquilo que acontece, ao tornar-se aquilo que não é ou tomar para si construções alheias, ideias ou pré concepções⁴. Nesse processo a pessoa se perde de sua verdadeira essência quando perde a possibilidade de escolha. Como esclarece Bauman: “ Se a liberdade de escolha é garantida na teoria, mas inatingível na prática, a dor da certeza será superada pela ignomínia da infelicidade pois a habilidade, testada

⁴ Apenas para dar uma ilustração curiosa de como ideias ou pré- concepções podem se transformar em projeções equivocadas vou usar como analogia aqui uma das principais vicissitudes que a atriz Marilyn Monroe teve de enfrentar em sua vida. Um diretor de cinema me contou que ela era uma atriz muito problemática, mas que a principal causa disso era que todos os diretores se apaixonavam por ela, e assim, envolvidos, tornavam-se obsessivos em tentavam muda-la. Queriam mudar seus hábitos, seu modo de se ser e toda vez, que isso acontecia, ela não aceitava e se revoltava. Na verdade, todos amavam suas ideias e sua pre-concepções de Marilyn Monroe; ninguém amava a pessoa dela. Essa história de Marylin nos permite pensar que algo parecido ocorre com os conceitos: se projetamos numa realidade uma pré- compreensão sem análise crítica e a elaboramos do modo que queremos, corremos o risco de não entendermos adequadamente a mesma realidade como tal vivida também por outros nem ter acesso àquilo a que um conceito remete. De certo modo, as pessoas, muitas vezes, apaixonam-se por opiniões, ideias e conceitos, mas com isso podem perder a clareza da compreensão. (ALFIERE:18).

todos os dias, de enfrentar os desafios da vida é a própria oficina em que a auto-confiança, o senso de dignidade humana e a auto-estima dos indivíduos são formados”. (2008; p.178).

Essa massificação de comportamentos por um lado torna todos o que?, e por outro cria uma longa distância entre os iguais, o universal passa a não ser mais a soma dos particulares. Antes de tudo, é como se o particular, para fazer parte do universal, precisasse se pintar das cores deste, de forma incondicional e inconsciente. Essa adesão mimética é o que Rouanet chama de falsa mimese, ou paródia de mimese, pois a cultura em termos gerais é uma demarcação do humano em relação ao indiferenciado da unidade homem - natureza (2001, pág).

Nesta nova sociedade de consumo aquelas pessoas que não podem ou não desejam se enquadrar nos padrões estabelecidos de conduta inspirados e moldados pelo mercado, muitas vezes, tornam-se obsoletas e são excluídas. Para aqueles que não podem se enquadrar nesse ritmo frenético consumerista sempre acontecerão dois caminhos, conforme descrito por Bauman: o pobre será forçado gastar seu pouco dinheiro em objetos de consumo, dos quais não necessita, apenas para se enquadrar na sociedade evitando assim ficar aquém de seus pares ou assumir sua impossibilidade e sofrer a exclusão social e ser consideradas incapazes de se afiliarem a uma sociedade que exige que seus membros participem do jogo do consumo. (2008; p.176)

4. UMA EDUCAÇÃO ÉTICA E PERMANENTE PARA REALIZAÇÃO DE ESCOLHAS MORAIS E CONSCIENTES.

Essa realidade de consumismo e alienação que permeia as relações intersubjetivas desse mundo globalizado e neoliberal tornam urgente uma mudança no curso dos agires éticos. Razão pela qual se revela a necessidade de uma educação que possibilite esse regate ético, capaz de conferir ao indivíduo

uma nova consciência em si e para si e que o possibilitea livremente exercer sua autonomia, a fazer suas próprias escolhas, a partir do reconhecimento da verdade, da consciência das implicações que suas escolhas diárias podem causar a si a vida do próximo e também em como estas escolhas afetam a vida da coletividade como um todo e porque não a vida do próprio planeta, em última análise uma retomada da consciência de si mesmo . Ou seja, “Para ser livre é preciso ser capaz de conceber um empreendimento difícil e nele perseverar, ter o hábito de agir por si mesmo; para viver livre, é preciso se habituar a uma existência plena de agitação e movimento e perigo; estar constantemente atento e a cada instante dirigir um olhar inquieto ao redor de si: a liberdade tem este preço. (WELFORT, 1961, p.91)

Afirma Bauman que a educação foi concebida desde o Iluminismo como um sistema fortemente estruturado. Em tempos mais recentes a educação tem sido interpretada como um processo ou como um produto para transmitir e conservar o conhecimento, no mutável mundo de hoje, onde

“correr é melhor que caminhar, onde triunfam entre os jovens a obviedade e as ideologias, em um mundo onde tudo é líquido, de fato a base das coisas, tanto quanto a base das relações humanas vem sendo tratadas como um sacrifício que limita a liberdade de movimento, tudo que não pode e não deve ser mantido a longo a prazo é tratado como uma ameaça, porque reduz a capacidade de conquistar do que ainda está por vir, já que nesta sociedade o que é novidade é o que importa, a qualidade de durar bastante não é mais uma qualidade a favor das coisas” (BAUMAN:2009).

A educação, no entanto, assume sua melhor forma precisamente quando é movida por ela mesma, ou seja, sem nenhuma subterfúgio ou intenção além dela, e qualquer oferta de colocá-la a serviço de outra coisa e rebaixá-la, não se pode ter como parâmetro de educação para uma sociedade, uma educação entendida como ferramenta. Bauman afirma que para a maioria dos estudantes, a educação é acima e antes de tudo

uma porta de entrada para o emprego, e quanta mais ampla a passagem e melhores as recompensas do árduo trabalho melhor. (2008; p. 41).

O consumismo de hoje não mais visa a acumulação de bens e sim a sua máxima utilização e desta forma o conhecimento não escapa a essa fórmula universal devendo também apresentar-se instantâneo e imediato sem assumir um compromisso maior com a longanimidade, um conhecimento para a utilização imediata e sucessivamente, para sua eliminação. Isto desperta uma “atitude blasé”⁵ diferente e indiferenciada, em relação a todas as coisas e atingiu também o conhecimento. Acerca dessa forma de conhecimento Bauman assevera que:

Em vez de um conhecimento organizado em fileiras ordenadas, a sociedade de informação oferece cascatas de signos descontextualizados conectados uns aos outros de forma aleatória. Apresentado de outra maneira, quando volumes crescentes de informação são distribuídos a uma velocidade cada vez maior, torna-se mais difícil criar narrativas, ordens, seqüências de desenvolvimento. Os fragmentos ameaçam se tornar hegemônicos. Isso tem consequências sobre as formas como nos relacionamos com o conhecimento, o trabalho e o estilo de vida em sentido amplo (2008:57).

O problema é que apenas a reforma das estratégias educativas, apesar de engenhosa e completa, pode fazer, pouco ou nada. No passado a pedagogia assumiu diversas formas e se mostrou capaz de se adaptar as mudanças, de fixar novos objetivos e criar novas estratégias. Todavia as mudanças de hoje são diferentes das ocorridas no passado. Nenhuma reviravolta da história humana pôs a educação em desafios comparáveis a esses vividos nos últimos anos. A arte de viver em um mundo

⁵ A essência da atitude blasé consiste no entorpecimento do poder de diferenciação. Isso não significa que os objetos não sejam percebidos, como no caso da estupidez, mas sim que valores significativos e diferenciais das coisas, e portanto as próprias coisas, são vivenciadas como imateriais. Eles se mostram à pessoa blasé num tom uniformemente cinza e monótono; nenhum objeto tem preferência sobre qualquer outro. Todas as coisas flutuam com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro. (George Simmel:1969).

ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, bem como arte ainda mais difícil de educar a pessoa humana neste novo modo de viver e ajudá-lo a formar sua própria personalidade com estímulo a criação de sua própria identidade e consequente respeito a sua singularidade.

Mas esse é um objetivo que só pode ser alcançado com o conhecimento e o esclarecimento. Conforme o mito da caverna⁶ (PLATÃO:2006), as culturas, costumes e hábitos se formam a partir daquilo que é demonstrado, sem que delas se reflita para fazer juízos corretos, mas, via de regra apenas se acredita e vive a partir o que é transmitido. A caverna é o mundo ao redor, físico e sensível, em que as imagens prevalecem sobre os conceitos, levando a formação de opiniões, muitas vezes, errôneas e equivocadas. Porém, só será possível atingir o verdadeiro sentido das imagens através da luz do conhecimento, dado pela educação.

A educação e a aprendizagem no mundo definido por Bauman como líquido-moderno, para ser eficaz, deve ser contínua e durar toda a vida, além é claro de ser permeada pelo conteúdo ético de respeito a si e ao próximo, calcada nos princípios do respeito à dignidade de todos os seres humanos e não humanos e no princípio da solidariedade. Qualquer outra forma de educação que não contemple esta principiologia estará fadada a não atender ao objetivo de um aprendizado voltado para a formação, do próprio eu autônomo e responsável por si e em alteridade com o outro. Este processo não se encerra em si, precisa ser entendido como contínuo e perpetuamente incom-

⁶ Este é o ponto crucial da alegoria :os homens na caverna tomam por real, por verdadeiro, aquilo é tão somente sombra, aparência. Essa é a figuração do Estado de ignorância do homem comum, do homem que não está voltado para a filosofia e que não recebeu uma educação adequada (Sócrates havia dito logo acima, em 515 a, que esses homens assemelham-se a nós). Ele, como os homens na caverna, é incapaz de voltar-se para a verdadeira realidade das coisas, pois está fortemente preso ao mundo aparente, que ele, por sua vez, toma como real, como verdadeiro. O que subjaz essa imagem é justamente aquela distinção fundamental do pensamento platônico: entre ser e o parecer.

pleto.

5. CONCLUSÃO

Finalmente e a título de conclusão reputa-se que diante desse quadro global de consumismo e fluidez nas relações, torna-se urgente e necessário a implementação de um novo olhar sobre a escola e sobre o educar. Uma educação que rompa com os grilhões do conformismo pasteurizante e alienado precisa de um conteúdo ético fundado numa principiologia humanista e de alteridade, que seja implementada, de forma contínua e duradoura e que tenha por finalidade fazer aflorar em cada indivíduo suas próprias verdades e representações, que lhe possibilite um modo de viver próprio, por suas escolhas e através de sua conscientização em si e para si. Uma outorga de poderes as pessoas que requerem a capacidade de fazer escolhas e de agir eticamente com base nas escolhas autônomas e responsáveis feitas.

Daí o porquê da pertinência do reconhecimento e da tutela dos direitos da personalidade, aqueles direitos que exigem em absoluto reconhecimento, porque exprimem aspectos que não podem ser desconhecidos sem afetar a própria personalidade humana. Na medida em que são direitos pelos quais o homem se demarca socialmente. Mas, por outro lado, compreende-se também a esfera tão importante da privacidade, dando ao homem as condições para realização do seu projeto pessoal.

O direito à educação revela-se com um direito próprio a todo ser humano e essencial para que consiga materializar todas as suas potencialidades. Mas uma educação que compactue com a estrutura coisificante do sistema hegemônico se torna uma arma contra o próprio ser humano.

A educação deve se dar de tal forma que possibilite o encontro de novas alternativas civilitórias que proporcionem a vivência harmoniosa na sociedade para além das relações de

consumo . Um aprender que inspire a vontade e a capacidade de empenhar-se continuamente junto com os outros a criar uma convivência humana em um ambiente de menos competitividade e coisificação da pessoa humana, tornando cada um consciente de seus próprios atos na transformação da sociedade, que possibilite uma cooperação entre os indivíduos na luta pelo reconhecimento da pessoa como “ser” e não pelo “ter”, para usar uma expressão frommniana. Que fomente o estabelecimento de relações intersubjetivas voltadas para o enriquecimento recíproco, para o desenvolvimento das potencialidades dos diversos sujeitos e para o desfrute de suas capacidades com plenitude. Finalmente, uma educação que coloque ao alcance de todos um conhecimento que sirva como ferramenta para transformar valores em ações, de forma significativa e com amplas consequências para a singularidade de cada pessoa e do coletivo.



REFERÊNCIAS

- ALFIERE, Francesco. *Pessoa Humana e Singularidade em Edith Stein*. São Paulo. Editora Perspectiva. 1º Edição. 2014
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para Consumo a Transformação das Pessoas em Mercadorias* – Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- . *O Mal Estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1998.
- . *Entrevista Sobre a Educação. Desafios*

Pedagógicos e Modernidade Líquida - São Paulo. Cadernos de Pesquisa. Volume 39. No.137. Maio/Agosto. 2009.

------. *Vida Líquida* – Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2007.

BOÉCIO. *Escritos (opuscula sacra)*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2005.

DESCARTES, René. *Discurso Do Método* – Rio Grande do Sul: L&PM,2013.

DURKHEIM; Emile: *As Regras Do Método Sociológico* - São Paulo. Editora Martins Fontes, 2007

FROMM, Erich. *Ter ou ser?*, 4ª. Ed, SP:LTC, 1987.

GONÇALVES, Diogo da Costa. *Pessoa E Direitos De Personalidade – Fundamentação Ontológica da tutela* – Almedina, 2008.

HOUAISS. *Dicionário On Line Português* – disponível em <http://www.dicio.com.br/houaiss>

PLATÃO. *A República de Platão* – São Paulo - Editora Perspectiva, 2006.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria Crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro. Editora Tempo Brasileiro, 2001.

SEVERIANO, M. DE F. A Sociedade Unidimensional e a Produção da subjetividade Humana. In: *Revista de Psicologia*. V. 9 (1/2), V. 10 (1/2). Fortaleza. 1991/1992

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia* - Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1974.

------. *O Capital Crítica da Economia Política* – São Paulo. Editora Nova Cultural .1996.

WELFORT, Francisco C. *Os Clássicos da política Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Stuart Mill, Marx*; 10.ª Edição; Editora Ática.; p. 184/ citando, Tocqueville, A. *Voyages*, in----, *Euvres completes*. Paris, Gallimard, 1961.t.V,v.2,p.91